

Sinopse

Bianca Rogan é a coreógrafa principal na agência do seu amigo de longa data: Kim Bryan. Sempre fora uma mulher sonhadora e de grandes objetivos, todavia preenchida de mágoas provenientes de sonhos destruídos. Devido a reviravoltas da vida, defrontou-se com a cruel realidade de que, apesar dos seus inúmeros esforços, nunca passaria de uma simples coreógrafa para sempre presa em backstages.

Uma vida até então discreta e humilde muda arrebatadamente quando, numa saída noturna com o irmão e o colega de casa, cruza caminhos com Christian Park: um homem arrogante, frio e misterioso, cujas ações são impossíveis de deduzir.

Após um encontro escaldante cujas memórias lhe foram retiradas, Bianca descobre que Christian Park acabara de assinar sob a agência onde também ela trabalha. Perseguida de incertezas, a jovem coreógrafa procura desesperadamente por respostas sobre um encontro que a assombra. Nessa busca, ela é colocada em encruzilhadas turbulentas que a expõem a todo um mundo que, até ali, não acreditava existir.

Será Bianca capaz de trabalhar com tal desconhecido, apesar da colisão agreste entre os dois, e de se ajustar à realidade do que Christian realmente é?

Christian Park, vampiro, apaixona-se por Bianca Rogan, humana. Num romance atribulado e perseguido de angústia e desconfiança, pois Bianca Rogan possui o aroma dos inimigos de Christian Park, descobertas perturbadoras serão feitas e verdades do passado serão destruídas.

Sede de Sangue: Aroma é um suspense romântico com toques de mistério, onde monstros residem nas sombras mais escuras da noite e nos raios de sol mais brilhantes do dia.

Prólogo: A noite

A corrente desenfreada e tumultuosa do rio ressoa pela penumbra da noite como uma orquestra aterradora e descoordenada. A crueldade da água - contra rochedos e pedregulhos que se deleitam no seu descanso eterno pelo percurso e corpo do rio, cria redemoinhos e rastos de espuma enquanto corta caminho numa correria desesperada e ensurdecadora. A brisa fria e arrepiante daquela noite – uma noite tão monótona e desinteressante quanto qualquer outra noite para milhões de outras pessoas - acaricia o semblante trémulo de Bianca Rogan, presa no embalo de duas mãos agrestes.

O olhar dela corre até *ele*: até ao homem que tanto longa em tocar e que, naquele momento, aparenta ser impossível de alcançar apesar de estarem a escassos metros um do outro, separados pela força sobre humana que a faz de refém. Com a respiração sofrida, está desesperante para que ele a salve de um final que sempre esteve ciente que lhe iria acontecer, o seu fado traçado ainda antes de ela nascer. Os olhos dela queimam com as lágrimas que lhe percorrem as curvas da cara e luta por fôlego suficiente para, pelo menos, tentar pronunciar palavras que nunca mais terá a chance de proferir.

Um júbilo inquietante e frio sibila-lhe nos ouvidos. A boca do estranho que a segura aproxima-se até meros escassos centímetros da sua figura, como uma presa pronta a saborear o seu fresco banquete por completo, consoante lhe sussurra intimações e anotações escarnecidas.

O final da história dela está ali, a agarrá-la com tamanho afínco que ela não sabe como se desembaraçar dele. Mesmo assim – mesmo conhecedora do seu fado irreversível -, ela ignora o corpo que a sustém numa restrição asfixiante. E, numa visão já turva, ela mira-o: o amor da vida dela, caído contra o pneu de um carro, enquanto ele desesperadamente tenta ganhar forças e lutar novamente para socorrê-la.

É apenas ali, consoante o sangue se lhe esvazia do corpo que, por um momento e antes de perder a consciência - a sua vida -, que ela se pergunta:

Como cheguei eu aqui?

Ato 1: Mundos cruzados

I

Bianca Rogan

1

Com um rápido gesto da mão, o sutil som das frechas da massiva porta transparente faz-se ouvir durante um segundo. Bianca Rogan rapidamente mostra-se nesse movimento, parando momentaneamente à entrada de uma das salas de reuniões da agência “Kim Entertainment”. Permite-se a um pesaroso suspiro que rasteja dos seus pulmões até ao ar exterior, reajusta a sua pasta preta confinada sob o seu outro braço, antes de adentrar a nova divisão.

Atrasos são, por esta altura, algo regulares da parte dela, sendo eles os principais tópicos entre zaragatas ou cochichos nas horas de almoço, escondidos em falsos acenos e sorrisos amistosos partilhados entre colegas de trabalho. Com o tempo Bianca aprendera a desligar-se desses murmúrios, que são apenas pronunciados quando ela desvia o olhar ou aparenta estar distraída. Geralmente - pelo menos supõe ela - não subsiste maldade por trás de tais comentários. Apenas uma dura realidade: Bianca é uma mulher jovem que dá o emprego que tem por garantido e isso leva-a a desleixos.

Desleixos esses que fazem com que este seja o seu segundo atraso da semana. De notar que ainda não se chegara a meio dela.

Kim Bryan – dono do nome que dá forma e registo à empresa – envia um olhar à nova presença. Tem as mãos cruzadas sobre o tampo envernizado da longa mesa de madeira de sobreiro. Uma expressão impaciente, todavia, conformada, carrega-lhe o rosto de linhas vincadas, que adicionam anos de vida – que ainda demorarão para chegar – a uma pele normalmente rejuvenescida. Bianca muitas vezes depara-se consigo própria perdida na suavidade da pele do seu patrão. Não de uma maneira física, ou que mostre qualquer forma de líbido pelo seu superior. Simplesmente perde-se em curiosidade, pensativa pela usual falta de rugas, acne ou pequenas marcas de idade. Bryan sempre mostrou um brilho natural difícil de se encontrar. *Talvez seja por ser ágio-americano*, pensou ela algumas vezes, lembrando-se de ter em ideia, ou em preconceito, de nunca ter visto um asiático de meia-idade: apenas de aparência jovem – mesmo tendo idades dentro dos quarentas – ou aparência idosa. Por isso, talvez sejam esses genes que lhe tenham fornecido tal qualidade estética.

Caminha em torno da mesa e das cadeiras de cabedal preto minuciosamente alinhadas em cada lado dela. Um exíguo som seco e abrupto entoa pela sala, no momento que Bianca pousa a mala sobre a superfície de madeira envernizada e, paradoxalmente à ação sonora anterior, toma o seu devido lugar em silêncio.

A única informação que lhe fora transmitida tivera sido que, naquele dia, um novo investimento sob embargo da empresa seria discutido. Tendo cinco anos de experiência no ramo – numa idade tão prematura, ainda nem com 25 primaveras vividas -, Bianca já sabe o quão excruciantes e *stressantes* estas reuniões se podem tornar, já que ambos os lados da

negociação procuram incansavelmente por esmolas escondidas entre linhas de contratos maçudos e pesarosos.

É em momentos como este: nos pequenos segundos de silêncio que se seguem antes do resumo de conversas anteriores; nos pequenos segundos de antecipação antes da burocracia, que Bianca Rogan se recorda do quão longe se encontra do seu verdadeiro sonho. Quase num súbito estado de sonolência e aborrecimento, com o olhar perdidamente vagueando pelos tons beges das paredes à sua volta e as vozes abafadas – como ruído de fundo de uma televisão pouco antes de uma pessoa adormecer –, Bianca volta a pensar nos anos passados em escolas de dança, nas feridas regulares nos pés, ou nos calos e ligaduras. Recordar-se dos soluços mordidos entre os lábios enquanto se forçava a ignorar – ou aceitar – a dor diária de ter os pés em sangue. Mas, precipuamente, pensa na convicção por trás de cada lágrima ou gota de suor. Bianca sabia da sua situação. Sabia da competição excessiva e do escasso emprego que era oferecido depois de tantos anos de aflição. Sabia disso tudo e, mesmo assim, lutou. Lutou até todas as portas terem-lhe sido fechadas.

Todas menos esta. Ao contrário de todos os deslumbres inocentes que tivera em criança, Bianca nunca pisará um palco ou terá a tão proclamada fama que todos aparentam invejar e pelejar por conquistar. Ficará para sempre presa nos *backstages*, uma simples coreógrafa na casa dos vinte, a sua esperança de pisar um palco há muito tempo enterrada nos confins do seu pensamento.

Apenas uma infância e uma adolescência desaproveitadas por obstinações e devaneios irrealistas, compartilha consigo própria e, apesar de um pensamento não ter uma matiz sonora, Bianca conseguiu, de qualquer maneira, sentir o rancor e antipatia – quase desencanto – enraizado em cada palavra pronunciada pelo seu subconsciente.

Com a respiração agora mais calma, culpa da corrida que se forçou a fazer entre andares e elevadores de forma a encurtar o atraso – mesmo que apenas por um ou dois minutos –, Bianca consegue finalmente focar-se no presente e nos acontecimentos à sua frente. Por fim, corre os olhos pela divisão. Tivera reparado numa segunda silhueta ao lado de Bryan, aquando da sua abrupta entrada.

Kim Bryan continua com a mesma expressão na sua faceta. Um subtil abano de cabeça reforça a desaprovação que já lhe era tão transparente.

- Finalmente decidiste aparecer! – Bianca ignora o tom condescendente do patrão. Em vez disso, foca-se na pequena ação de abrir o pequeno dossier que leva consigo para todo o lado. Um gesto de um dedo retira a tampa da sua tão amada *Bic* azul. Ao olhar para Bryan força um sorriso inofensivo e ele respeitosamente aponta para o lugar à sua esquerda, onde se encontra outro homem sentado. – Renan Clark: representante do nosso próximo cliente.

Um pequeno sorriso cresce nos lábios do estranho – que Bianca consegue identificar como um sorriso verdadeiramente atencioso –, o que é algo raro neste ramo de trabalho. Ela sorri de volta e rapidamente encontra outro caso de curiosidade que, mais uma vez, a faz perder-se em pensamentos supérfluos: os fios de cabelo de Renan são de um laranja forte, aparentemente longe de ruivo natural. Essa visão fá-la ponderar – por mais tempo do que o necessário – se o cabelo será pintado ou não.

- Muito prazer! Peço desculpa pela espera. Normalmente sou mais pontual.

O seu comentário esboçado é obviamente uma mentira, notável até pela falta de convicção nas palavras enunciadas. Contudo, o ruivo – ou falso ruivo – parece acompanhar a mentira dela. Talvez por boa educação ou apenas genuína inocência.

- Ora essa! Todos nós chegamos aqui um pouco tarde, não é verdade? – Ri-se da sua própria simpatia. Caloridade emana da sua voz grave, porém melódica. Bryan sorri à anotação num gesto educado. – De facto nós estávamos, ou estamos, um pouco mais preocupados com o atraso do meu cliente.

- Não sabia que o iríamos finalmente conhecer hoje... - Ela comenta surpreendida.

O *manager* sorri novamente e ajeita-se no seu assento. Os dedos longos e finos dele compõem o tecido do seu blazer preto, numa postura casual. Silenciosamente analisa a sala que provavelmente já tivera tempo de estudar, qualquer tenha sido a hora a que tenha chegado.

Depois acena afirmativamente.

- E a que horas o podemos esperar, então?

Contrastando com a anterior casualidade, Renan remexe-se num primeiro sinal de ansiedade. Desguarnecido de uma resposta concreta, recompõe a gravata. Os olhos que anteriormente estudavam a parede recaem agora nos olhos da coreógrafa, enquanto pensa como responder a uma pergunta supostamente tão simples e inofensiva.

Pela sua cara, Bianca denota – quase conclui – que qualquer controlo que ele deveria ter no seu cliente é quase inexistente. Essa pequena reação dele, simultaneamente tão reveladora, força um pequeno murmúrio desaprovador por entre os lábios da astuta jovem mulher. Neste ramo, carência de restringimento e vigilância nunca é uma boa impressão.

- Provavelmente preso no trânsito. – Apesar do tom amigável, não mostra confiança nas suas palavras, que percorrem a sala num anseio dúbio.

Todavia, nem Bianca Rogan nem Kim Bryan decidem interferir ou pressionar mais o assunto. Afinal de contas este é, sem qualquer dúvida, dos maiores investimentos que a empresa ânsia em fazer. Kim Entertainment está longe de ser um símbolo entre agências de música, ainda lutando para se encontrar em terrenos estáveis, principalmente económicos. Dessa forma, é ainda considerada uma empresa pequena e frágil, muitas vezes apenas sustentada por sacrifícios e desejos de um futuro mais sorridente. Para além disso - e ignorando este pequeno resvalo -, o homem que se encontra em parte incerta possui algum estatuto nas redes sociais e um crescente grupo de fãs, que aumenta a um passo exuberante, através das poucas músicas que produzira amadoramente.

Não há dúvidas que um contrato com ele trará muitos benefícios à agência, para além das bênçãos financeiras. Ele trará influência, prestígio e servirá como plataforma para a empresa ganhar uma voz num mundo onde agências pequenas pouco interferem no desenvolvimento da área.

Com isso em mente, seria desastroso deixá-lo escapar, para ele apenas ser apanhado por uma empresa de elevado nome.

Seria a morte da Kim Entertainment.

Bianca pousa os olhos no ruivo – que ainda está para ser determinado se é verdadeiro ou não –, e analisa-o afincadamente. Para além do cabelo vivaço denota-se o castanho

luxuriante dos seus olhos, em que alguns traços esverdeados trazem bastante profundidade e serenidade ao seu olhar. É um homem bonito, de rosto longo e traços suaves. Dele brota uma sensação de conforto e tranquilidade nos pequenos sorrisos que aparentam ser constantes na sua face. Ao contrário de Bryan, que tudo em si mostra seriedade – desde o cabelo preto como um corvo nas cerrações da noite, até ao seu olhar negro profundo e enigmático -, Renan incita sentimentos de simplicidade e afeição.

E, por entre os silêncios constrangidos da reunião, os três esperam infundavelmente por uma chegada que não acontece.

2

Ao final do dia, depois de longas horas na delonga do aparecimento de um homem que Bianca jocosamente considera ser apenas um fantasma - pois horas de trabalho que poderiam ter sido utilizadas de forma mais intuitiva foram perdidas numa espera sem resultados -, Bianca Rogan finalmente retorna a casa. Apesar de se encontrar estável na vida – capaz de se poder submeter a pequenas extravagâncias e de ter uma casa que poderia ser perfeitamente considerada como residência de uma família de classe média-alta se assim o desejasse -, Bianca reside com um colega de casa. É um jovem pouco mais velho que ela, na casa dos vinte sete, a quem ela alugou um dos quartos, poucas semanas depois de se mudar, quando ambos eram novos na cidade e à procura de uma entrada na vida capitalista.

Bianca Rogan planeava tornar-se uma dançarina profissional. Jonathan Reeves pretendia ser um homem de negócios. Bianca é uma coreógrafa e Jonathan é, finalmente, dono da sua própria empresa *start-up* que, pelo que tudo demonstra, possui o necessário para fincar e crescer exponencialmente nos próximos anos.

Mesmo assim: com ambos adaptados aos desafios de uma vida adulta e aptos a embrenhar-se numa existência independente, permaneceram a partilhar a mesma residência. Um é encarregue de limpar e o outro de cozinhar. Partilham maratonas de televisão pela obscuridade da noite e conhecem-se como a palma da mão de cada um. E para falha de surpresa de Bianca, quando fecha a porta atrás de si Jonathan cozinha.

Aromas de especiarias provenientes da cozinha espalham-se pelo resto da casa.

- Com fome? – A voz carismaticamente nasalada do seu colega de casa entoava na cozinha para a sala e Bianca distraidamente aprofunda a sua respiração, de forma a saborear os sabores inexistentes que provêm do ar contaminado pelas ervas que ele tanto usa na comida.

- Esfomeada! - Responde de volta enquanto pendura o casaco à beira de tantos outros. Atira as chaves para o chaveiro e pesarosamente rasteja para a sala. Deixa-se cair no longo sofá bege.

- Como seria de se esperar.

Ambos partilham um riso amistoso e descontraído com o comentário. O som de um armário a ser aberto e, posteriormente, fechado ecoa entre as divisões. O cozinheiro de serviço resmunga para si, ocupado com a confeção do que será o jantar. Bianca, por outro lado, já se distraiu com a procura do comando da televisão. Revira almofadas enquanto os olhos percorrem a sala. Não seria a primeira vez que o encontraria perdido debaixo da mesa de centro, escondido entre os raios azul-turquesa da longa carpete que complementa os tons

selvagens da divisão. Mas ao contrário da suposição anterior, acaba por o descobrir debaixo de uma almofada verde-água. Sorri vitoriosamente, como se tivesse encontrado um tesouro há muito tempo perdido.

Já com o ruído de fundo da televisão, Bianca preguiçosamente descansa no sofá com os braços cruzados debaixo da cabeça. Os dedos entrelaçam-se entre os seus longos cachos de cabelo acastanhado – que Jonathan melhor caracteriza como castanho-avelã –, enquanto ela se enquadra nos novos acontecimentos que decorreram na série que está a ver, quando Jonathan fala outra vez.

- O Kent ligou.

Um sentimento amargo cresce nas profundidades do ser que forma a jovem adulta. Ela e Kent Rogan, o seu irmão, não são muito próximos. Em contrapartida, Kent e Jonathan adoram-se quase tanto como se eles sim tivessem vindo do mesmo útero. Kent é dois anos mais novo que ela, mas sempre tivera uma personalidade muito mais brilhante, o que – em retrospectiva – talvez tenha sido dos maiores fatores que facilitaram a sua introdução na vida de celebridade. Mas a fama abarca um preço. E no caso de Kent – após tentativas afligidas de Bianca em seguir o seu sonho e não ser capaz de tal –, ele ter sido capaz de crescer tão casualmente e descuidadamente naquele mundo gerou brechas e fissuras no que outrora tivera sido uma relação imaculada com a sua irmã.

Com o passar do tempo, Bianca Rogan e Kent Rogan afastaram-se. Ou, talvez, apenas tenha sido Bianca a aumentar o espaço entre os dois, apesar de nunca o admitir. Apesar de todas as tentativas de reunião feitas pelo irmão, nenhuma delas foi mais do que um esforço fracassado.

- Que queria ele?

- De ti? Que estejas pronta às 22 horas. Bem arranjada. E, frisando as palavras dele, preferencialmente com Gucci.

Os olhos de Bianca crescem redondos, exatamente como os olhos de um desenho animado antigo. Rapidamente senta-se no sofá, num súbito estado de incredibilidade.

- Tenho cara de quem pode gastar dinheiro assim? Nem toda gente aufere o exagero de salário que ele tem! – Resmunga.

O riso de Jonathan é alto, num guincho quase irritante e, com o som de solas sobre o porcelanato polido, este revela-se na sala enquanto arruma o cabelo preto da testa. Na outra mão apresenta uma colher de pau.

- Foi o que eu lhe disse. Não nesse tom condescendente, claro... - Comenta e enrugando o nariz de uma forma engraçada. – Por isso, ele passou por cá mais cedo e deixou isto para ti.

A mão que previamente tinha ajeitado o cabelo da testa move-se para mostrar o saco que, até aquele instante, descansava contra o arco que une a sala à cozinha e estica o braço para lho entregar. Cuidadosamente, num estado de ceticismo, Bianca recebe-o. O simples facto de ele ter ido a casa dela, quando mal tempo tem para dar sinais de vida e muito menos de se submeter ao tráfico que separa a baixa da cidade – onde ele mora – até aos subúrbios – onde Bianca e Jonathan moram –, surpreende-a.

Com o saco pousado no seu colo, de dimensões proporcionais ao seu tronco, Bianca espreita pela pequena fenda disponível entre os típicos agramos prateados – usados de forma a

assegurar que a pessoa presenteada não consiga decifrar o conteúdo guardado antes do tempo – e algo vermelho chama automaticamente a sua atenção.

Aquele canalha. Revira os olhos. As mãos agem por conta própria, forçando a abertura do saco. Agora que trabalha para um dos canais principais pensa que presentes caros fazem alguma diferença? Por algum motivo não gosto de sair com ele! Dez minutos juntos e tenho vontades repentinas de o estrangular...

- E se eu não quiser isto? – Questiona. Os olhos cinzentos ainda examinam cuidadosamente o interior do saco. - Se calhar já tenho planos para hoje.... Ou se calhar posso simplesmente não querer sair com ele... - Na dureza das suas palavras, Jonathan manda-lhe um olhar severo e abana a colher no ar, exatamente como uma mãe quando está pronta para discutir com as suas crias. – Ah, que seja! – Bianca acaba por dizer, num encolher de ombros desinteressado, sabendo que esta seria uma discussão impossível de ganhar. – Se ele quer sair, que seja. Tu também vens, certo?

Um sorriso caloroso preenche os lábios carnudos do amigo. O simples vislumbre do seu sorriso traz alento à sala.

- Claro! Sabes o quão eu gosto do teu irmão!

- Como eu desejava que estivesse a ser sarcástico...

- Não digas isso! És a única pessoa que conheço que não gosta dele. – Comenta ao mesmo tempo que aponta a colher na sua direção. Tem a voz carregada de um tom acusador e, paradoxalmente, de uma melancolia ténue. – Dá-lhe uma abébia. Nota-se que o rapaz se preocupa contigo.... Ele só... tem uma forma peculiar de o mostrar.

Bianca revira os olhos, aborrecida com mais uma tentativa fracassada de lhe mudar a opinião sobre o seu irmão. Para ela, ele sempre será um canalha.

Um canalha idiota e irritante que consegue sempre o que quer, exatamente como nos longínquos anos de infância. Kent Rogan sempre foi assim. Sempre teve aquela aura extraordinária que o fazia ser o centro das atenções; que o fez ser aquele que recebia mais demonstrações afetuosas, inclusive dos pais. Mas Bianca não se importava com isso, nem guardava rancor por ter recebido mais atenção. Ela estava habituada a viver na sombra dele, mesmo sendo ela a mais velha. Mas, por muito rancor que não tenha tido durante quase toda uma vida, tudo tem o seu limite. E o limite dela venceu numa tarde de Outono, seis anos atrás quando, por entre lágrimas por ter sido pela milionésima vez rejeitada por uma agência de castings, Kent entra-lhe pelo quarto com um sorriso rasgado por entre os lábios, guardador de boas notícias. Tinha sido escalado para um programa infantil como apresentador, que nos tempos presentes já não fazia parte das funções dele, entretanto conquistando objetivos maiores. Muitos fatores poderão ter levado ao ponto de viragem que fez Bianca ganhar aversão ao seu irmão, mas talvez, se ele lhe tivesse contado noutra ocasião, provavelmente Bianca não o detestaria tanto.

No fundo, esse suposto ódio não passa de orgulho ferido, mas Bianca nunca admitiria isso.

3

A limousine encarregue de os transportar abranda, na sua velocidade languida e calma, no que aparenta ser a fachada de um edifício de luxo de três andares. O relógio marca

a hora de um novo dia, as doze badaladas tendo passado durante a cruzada pela baixa da cidade. Roxo reflete num feixe baço sobre as janelas do veículo, proveniente de um sinal néon, exibindo o nome de um bar conhecido quase por todo o país e falado como um dos estabelecimentos noturnos mais difíceis de se entrar sem algumas cunhas do lado de dentro.

Ainda no conforto interior, com os bancos de cabedal colados às pernas despidas de Bianca, esta dá por si com segundos pensamentos sobre a decisão de ter sucumbido à vontade do irmão em usar o vestido de seda. Vestido esse cujo decote é em forma de V descaído, simples fiapos – como ela designa – a servir de alças e que depois se cruzam atrás até ao fundo das costas. O tecido perde-se nas formas do corpo, enfatizando-lhe as ancas devido ao peso natural do tecido. Todavia o maior – e talvez único – motivo de preocupação é a sensação desconfortável de querer mexer as pernas e senti-las presas, quase coladas, no assento.

Remexendo-se, os olhos perdem-se na fachada branca do edifício, imaculada de *graffitis* ou qualquer outro tipo de vandalismo que pinta a maior parte da cidade. Por um momento admira a magnitude da beleza contemporânea à sua frente. Só depois se foca na fila que circula da entrada até à esquina e, devido à popularidade do estabelecimento, Bianca imagina que a fila se prolongue ainda mais do outro lado. Ao seu lado, Kent penteia o seu cabelo loiro platinado – que começou a ser a sua imagem de marca desde que ganhou mínima fama – e depois verifica se todo o seu conjunto está bem arrumado: desde o cinto até às atacas decorativas dos seus sapatos de salão. Vendo que está tudo bem, troca algumas palavras com o motorista e, logo depois, sai para a frescura do exterior, visivelmente agradado com a temperatura. Jonathan segue-o, saindo também, e entusiasmadamente sorri como um miúdo guloso quando recebe mais doces.

Bianca continua distraída com o comprimento da fila. Dessa forma, Jonathan circunda a limousine e, como um *chauffeur*, abre a porta com uma destreza dramática.

- Menina Rogan. Devo ajudá-la a sair?

Como que acordada de um transe, Bianca abana a cabeça e gentilmente abandona o assento. As mãos atafulham-se com o tecido do vestido, certificando-se que não se atrapalha com ele. Os saltos que usa, também eles escolha de Kent, não são do seu gosto particular. Trabalhando na área artística, Bianca precisa de ter cuidado minucioso, de forma a evitar lesões desnecessárias nos pés ou tornozelos. Dessa forma, todos os seus passos devem ser—

- Graciosos.

Os dois colegas de casa enviam um olhar confuso a Kent, com o súbito comentário inusitado. Os longos anos de convivência com ele – Bianca desde o seu nascimento e Jonathan numa mera coincidência do destino, poucos meses após ter começado a partilhar casa com ela – não eliminaram a restante dificuldade em compreender completamente a personalidade extravagante dele e que ele é, no geral, uma pessoa que passa muitas vezes como alguém de natureza estranha. Várias vezes tivera sido mal-interpretado como um rapaz infantil, apesar dos seus 22 anos vividos e objetivos definidos.

- Estamos graciosos. – Continua a sua balbúciação, consoante move os ombros num suspiro jovial. Observa o vestido da irmã e malandragem ganha forma nos seus olhos. – O que um bom vestido não faz a uma pessoa...

Com o entrecorrer das palavras, a sua voz torna-se foliona, num gozo espicaçado.

- Sabes que mais? – Bianca inicialmente riposta, libertando uma mão do vestido para a usar como arma no antebraço do irmão. – Vai-te catar!

O decorrer de todas as instâncias entre eles acarreta sempre um momento destes: em que Kent arranja sempre algo para comentar, criticar ou gozar numa brincadeira que testa os limites da irmã. Contudo, hoje não a conseguirá fazer perder as estribeiras. Dessa forma, não se querendo perder em desaforos fúteis e insignificantes, gira sobre os seus calcanhares e foca-se numa preocupação mais eminente.

- Como é que é suposto entrarmos ali? – Exaspera, os olhos mais uma vez correndo a fila. – Quando chegarmos à entrada, isto vai estar para fechar!

Num olhar aterrorizado, Kent abana a cabeça.

- Achas que vamos para a fila?! – Ri-se, o seu riso cavado no seu tom naturalmente grave. O Rogan mais novo possui das vozes mais profundas que Bianca alguma vez escutara. Depois da pergunta exasperada, agarra-se ao ombro de Jonathan, reagindo como se o que ela dissera tivesse sido de tal estupidez que ele nem se conseguia segurar em pé. – Por favor, sigam-me.

Mostrando confiança, Kent Rogan caminha à frente e Bianca e Jonathan seguem atrás, até ao encontro de um dos seguranças à porta. A fama do apresentador é cada vez mais aparente, pois há uma pequena comoção atrás deles. Vozes proclamam o nome dele, que ele simplesmente ignora. Foca-se apenas na pequena conversa com o segurança à sua frente.

Após o percorrer de uma lista, o segurança retorna a atenção ao trio. Com uma expressão sisuda, acena afirmativamente ao seu colega, que lhes permite entrada.

Grandes lustres de cristal caem do teto distante – provavelmente a uma distância equivalente a dois andares – e luzes douradas iluminam os arredores do longo corredor que os introduz à discoteca. Pequenos sofás pretos estão espalhados ao longo do corredor encostados contra a parede, e quadros de comprimento superior a qualquer altura dos três estão pendurados nessas mesmas paredes, sobre os sofás, de forma a trazer mais cor às paredes pintadas num degradê entre preto e cinza. Um desses quadros, ao lado esquerdo da porta por onde entraram, mostra uma pequena floresta perdida na penumbra de um nevoeiro, os seus longos pinheiros conquistando o céu esbranquiçado. Num outro, do lado direito, está pintado um trajeto de uma praia, céu escuro e nenhuma onda no mar, mera espuma a delinear a fronteira entre a areia e a vastidão do oceano. São quadros que facilmente caem no esquecimento após pequenos instantes de nostalgia, pois todos eles mostram paisagens genéricas. O que dificilmente cairá no esquecimento é o balcão de pagamento, retangular e pintado de branco brilhante, tão longo que é capaz de colocar dez pessoas a trabalhar ao mesmo tempo.

Entre os quadros e sofás são visíveis cinco junções ao corredor, cada uma delas iniciadas por um maciço arco de metal dourado, quase numa impressão de ser na realidade talha d'Ouro. Cada uma das entradas cai em completa escuridão, à exceção dos repentinos flashes de luzes negras – em intervalos de tempo aparentemente arbitrários – e diferentes géneros de música ressoam de cada uma das diferentes divisões.

Enquanto Bianca e Jonathan mostram alguma curiosidade em verificar cada uma das salas, Kent continua num passo regular. Tem o trajeto bem definido em direção ao maior arco, que se encontra na outra ponta do corredor, sendo ele a localização da maior pista de dança de entre as cinco.

Música eletrónica ganha volume e o grupo pestaneja freneticamente numa tentativa de se habituarem à diferença drástica de luminosidade. Examinam a pista, onde dúzias de pessoas estão perdidas nos seus êxtases enquanto dançam, a maioria delas com bebidas nas mãos. O som é quase ensurdecedor e o facto de a sala ser enorme cria uma sensação de caos, o tanto de cabeças incontáveis revelando pouco ou nenhum espaço livre para caminhar sem se ser esmagado entre corpos estranhos. Tal como o corredor, esta sala é tão alta quanto dois andares. Ao contrário do corredor, o segundo piso não é apenas a continuação da parede do primeiro. Ali, circundando a totalidade da divisão, paira uma varanda interna. No centro existe um buraco circular que fornece ângulo de visão para o andar inferior, para aqueles dispostos a pagar mais – muito mais – por poucas regalias extras. Sendo a principal – e fulcral visto o caos atual – o sossego adicional.

Sob o espaço inexistente, no círculo onde não há varanda e de volta ao primeiro andar, está montado um palco. Também ele é circular e de momento encontra-se desocupado. Na inexistência de pessoas a tentar acedê-lo, Bianca percebe que é apenas usado para performances de artistas externos. No final da pista, no lado oposto de onde ainda se encontram – que é exatamente sob o arco por onde entraram -, é visível uma cabine de música, onde um DJ está atualmente ocupado a tentar agradar um público fácil de contentar.

Conhecendo bem os cantos à casa, Kent aventura-se pela multidão. Os outros dois – não tão acostumados àquele lugar – têm de se apressar para não o perderem de vista. Tal como antes, após algumas palavras com um outro segurança que guarda a passagem numas escadas, os três fazem o percurso acima até à zona VIP.

4

Na mesa de centro do sofá oval que decidem ocupar já se encontra uma garrafa de champanhe na delonga de ser aberta. Bianca senta-se quase imediatamente, estirando o pescoço sobre a grade de metal, e contempla o que se passa na pista enquanto Jonathan ocupa-se a servir os copos.

- Que estamos a celebrar?

Bianca olha para o colega de casa, ponderando o mesmo, e ele olha para o amigo, que está sentado a uma distância razoável da irmã. Tendo espaço para tal, Jonathan senta-se no meio dos dois.

- Nada, para ser honesto. Um dos meus *performers* preferidos vem cá, hoje, para uma pequena apresentação. Como não queria vir sozinho, apoderei-me da vossa companhia.

- Pode ser que o conheças! - Jonathan comenta entusiasmado. Se adjetivos fossem nomes, Bianca garantiria que em vez de Jonathan Reeves, ele provavelmente teria sido chamado de Sr. Entusiasmo, pois qualquer motivo ou circunstância incita jovialidade nele. – Afinal, tu és famoso! Viste todo aquele rebuliço lá fora?

Num desaforo repentino, Bianca bebe a sua bebida de uma só vez e pousa o copo sobre a mesa.

- Tenho a certeza de que seriam perfeitos um para o outro. – Comenta sarcástica. Um sorriso esperto dança-lhe nos lábios.

Jonathan ri-se.

- Para tua informação, querida irmã, seríamos. Mas, infelizmente, é homem. – Responde num encolher de ombros, claramente obtuso do tom encardido da primogénita da família – E Jon caso o conheça farei questão de to apresentar. A Bianca pode ficar a tomar conta das nossas coisas.

Bianca arrasta duas gargalhadas num enrolar dos olhos. De qualquer forma não o tencionava conhecer, mesmo que a oportunidade surgisse. Celebidades são das principais fontes de dores de cabeça para Bianca no trabalho, por isso apreciaria se fosse possível mantê-las longe e inexistentes da sua vida em todas as outras horas do seu dia. Noites incluídas.

Quartos de hora passam e brindes são feitos. Antes de qualquer um reparar, vão a caminho da segunda garrafa e, quando essa se esgota, Kent Rogan levanta-se e percorre uma pequena linha reta até um dos balcões daquele andar e pede mais uma. Usa essa oportunidade para mudar o tipo de álcool consumido. Quanto mais consomem, mais simpático o irmão parece ser para Bianca. Nas próximas horas esquecer-se-ia dos rancores que criou por situações pelas quais Kent não teve qualquer interferência ou culpa. Nestes momentos de desinibição até abraços são partilhados e as piadas miseráveis de Jonathan são capazes de puxar verdadeiras gargalhadas dos irmãos Rogan. Essa é, sem dúvida alguma, a maior prova sobre o verdadeiro estado de sobriedade entre os presentes no grupo.

Nestes pequenos momentos de convivências, e nestes pequenos momentos de embriaguez, Bianca confia no seu subconsciente que não se sentia tão feliz – ou tão entusiasmada – há mais tempo do que consegue imaginar. Entre sonhos perdidos e um trabalho que implica muitas horas extras, ela mal tem tempo para sair e se divertir.

É no meio de uma gargalhada espalhafatosa que Kent lhe cobre a boca, incitando-a a calar-se, e ela recupera alguma compostura.

- Finalmente, ele vai começar!

Bianca pára e curiosamente vira-se em direção à grade. Facilmente encontra o palco circular. Um homem está agora a subir as escadas que dão acesso ao palco, envolvido em luzes vermelhas. Numa tentativa de o ver melhor, pois tem a visão meio fusca – os copos partilhados sendo os maiores culpados desta situação –, semicerra os olhos. Contudo, não consegue grandes melhorias de visão. Mesmo assim consegue reparar no seu cabelo loiro. Só não consegue ver se é a cor natural ou não. Agora já no palco, o desconhecido procede a colocar uma venda – também ela vermelha – em torno da sua cara, tapando-lhe a visão. Bianca não consegue ter a certeza, mas supõe que ele seja ligeiramente mais baixo que o seu irmão e colega de casa. Tanto um como o outro são, como ela coloca, “escadotes andantes”: Kent exhibe 185 cm e Jonathan 187 cm de altura. Mas, qualquer que seja a sua estatura – que Bianca agora apostaria entre 175 e 180 cm –, possui boas proporções físicas num corpo elegante.

O que muitos professores e peritos considerariam um corpo perfeito de bailarino.

A melodia de fundo começa e as luzes perdem intensidade à exceção das do palco. Envolvem-no numa bolha quase mágica, o que chama a restante atenção para ele. Num passo lento, o *performer* caminha até ao centro sem visão para o guiar. As cordas do instrumental aumentam num arrebatante crescendo e, consoante a batida começa, o *performer* inicia similarmente. A voz entoa por todos os cantos da sala, hipnotizante.

Para imenso espanto dos presentes, o *performer* não apenas canta como também realiza uma coreografia contemporânea.

Bianca arfa um suspiro. Talvez seja o álcool que esteja a amplificar a verdadeira qualidade do que está a ver, ou talvez seja a agradável surpresa de encontrar alguém tão versátil quanto aquele desconhecido. Está completamente maravilhada pela complexidade e qualidade da sua atuação.

Tendo ela passado tantos anos em estúdios de dança, pondera:

- A coreografia.... Seria capaz de a repetir? – Sussurra. Instantaneamente, os olhos caem sobre os sapatos que, num futuro próximo, seriam esmagadores para os seus pés. – Não agora, mas.... Amanhã... Amanhã certamente sou capaz de a repetir.

- Ah, sim, claro! E as vacas voam! - Kent riposta brincalhão, enquanto abana a cabeça de acordo com a balada e um sorriso cheio na face.

Bianca não responde, demasiado buliçosa para se importar com os pequenos comentários do irmão. Por isso, decide aproveitar o espetáculo, que continua durante mais meia hora. Em algum momento, entretimentos, desinteressa-se da euforia inicial. Na companhia de Jonathan retornam à garrafa e deixam Kent sozinho no seu mundo. O álcool era, afinal de contas, muito mais apelativo do que o estranho no palco.

A última música chega ao seu fim. O palco é despido das luzes que o pintavam e o DJ que iniciara a noite fala no seu microfone, retomando a atenção para si, apúos do público apressando-o à repassagem de *singles*. Na varanda continuam os mesmos três, perdidos em conversas. O foco atual repassa por um breve resumo sobre a reunião que Bianca deveria ter tido, horas antes.

- E o idiota nunca apareceu! – Conta num olhar orbicular, numa demonstração visual da sua frustração enquanto gesticula com os braços. O líquido transparente do copo que empunha mostra instabilidade preocupante, devido aos gestos brutos. – Permanecemos horas à espera de um parvalhão que se acha famoso, simplesmente para sermos deixados na mão.

- Sabes o nome dele, pelo menos?

Bianca abana a cabeça e move o copo em direção aos lábios encarnados. O líquido que antes cambaleava desfreadamente no risco de verter, desaparece completamente do recipiente que o continha.

- Não. Chegar atrasada foi desagradável que chegasse. Não podia informar o Bryan que *também* não tinha lido o dossier que me tinha mandado. Amanhã, durante o pequeno-almoço, dou-lhe uma leitura rápida.

Kent - que até ali não participara na pequena conversa casual que se instalara entre os dois colegas de casa - analisa a pessoa que acabou de se sentar numa mesa atrás da deles. Tenta controlar um sorriso teimoso e exagerado e após se reajustar no assento, de forma a aproximar-se subtilmente da nova presença, inclina-se para trás.

- Desculpe incomodar. – Intersecta, o que chama a atenção dos que lhe fazem companhia, apenas para se aperceberem que ele está ocupado com outra pessoa. O homem que antes estava no palco está agora a olhar para ele, e aborrecimento e neutralidade pintam a sua pele pálida. – Não sei se me conhece—

- Kent Rogan. Apresentador daquele programa de entretenimento, que passa aos Domingos às 21 horas. – O estranho interrompe-o consoante o observa. Apesar do olhar neutro, fala numa voz entediada. O que é um contraste minimamente intrigante pois, mesmo no seu enfado, o tom continua extremamente dócil, num timbre grave e suave.

Como um cantor de jazz ou de soul. É dono de uma voz que, instantaneamente, é capaz de derreter corações e hipnotizar ouvidos.

Outro sorriso preenche os lábios de Kent, extasiado por ser reconhecido e, após alguns segundos, estende o braço para um aperto de mão que o estranho retribui.

Contudo, presenteia-o com um curto cumprimento apenas.

- Exatamente! De qualquer forma, só queria dizer que realmente adoro o seu trabalho, Sr. Christian.

- Obrigado.

Por momentos, os quatro caem em silêncio. Kent Rogan procura na sua mente as próximas palavras a proferir de forma a prolongar a conversa, antes que Christian retorne ao seu sossego. No entanto, nem Kent se pronuncia para além do que já tivera sido dito, nem Christian desvia o olhar. Em vez disso, os olhos deles incidem na figura da Bianca. Examina-a afincadamente durante longos segundos, preenchido de uma expressão indecifrável. Bianca, que por instantes se esquece de etiqueta social e senso comum – provavelmente devido ao álcool consumido – retorna o olhar fixado, nem pensando sequer o quão inoportuna e descabida a situação se poderá tornar.

Nessa troca de olhares, Bianca Rogan consegue finalmente admirar as facetas faciais do cantor. Inicialmente, do quão castanhos os seus olhos são. Christian é possuidor de um olhar naturalmente sedutor. Quase felino. Posteriormente, assimila o pequeno e fino nariz que esboça o meio da cara. Para além disso - e talvez mais apelativos que os traços anteriores -, o quão carnudos os lábios dele são. Estes - em junção aos referidos traços anteriores - deliciam e equilibram a face numa aparência angelical. Surpreendentemente, e contrariando a suavidade dos traços dos olhos, nariz e boca, Christian possui uma linha do queixo cinzelada, o que retira qualquer inocência que poderia anteriormente transparecer, e trazendo-lhe uma aparência mais madura e séria. Quase como num paradoxo, Christian tanto aparenta singeleza e mistério, ambos os extremos lutando por dominância no seu rosto tão esbelto. Da linha onde começa o cabelo, que agora dá para ver ser a sua cor natural, suor desliza pela testa em traços longos, até finalizar o seu percurso no pescoço. Bianca fixa o olhar nele por alguns segundos, incapaz de desviar o seu interesse, à medida que admira a notável suavidade da pele.

- Nossa, que homem...

Apenas após um breve segundo se apercebe que, o que era suposto ser um mero pensamento dela, foi um comentário pronunciado em voz alta. Christian arqueia uma sobrancelha - com os olhos ainda capturados na presença da mulher - apanhado de surpresa. Embaraçada, finalmente apercebendo-se que todos ouviram a sua confissão, desvia o olhar para a mesa à procura do seu copo. Mesmo assim, denota a silhueta de Kent pelo canto do olho. Numa demonstração de pejo e desaplauso ao ser associado à irmã, ele abana a cabeça.

Ainda acanhada e distraída com o seu copo, Bianca diverte a atenção para o lugar onde Jonathan deveria estar sentado, apenas para o encontrar descabido de qualquer presença humana.

Onde se meteu ele? Observa a sala e encontra-o nas escadas que tomaram para ali chegar. Jonathan abana o corpo ao ritmo da música à medida que força a passagem pelo meio de um grupo de pessoas que ali conversam, para se juntar à multidão do andar de baixo. Assim, desprovida de companhia que a ajudasse a recuperar do pequeno sentimento de

vergonha, Bianca brinda consigo própria e bebe. Consoante verifica Christian, ele continua a observá-la obstinadamente. No entanto, ao contrário de um olhar maioritariamente neutro – se bem que com alguns traços de curiosidade e ponderação –, Christian Park aparenta agora alguma apatia. Aparenta até uma sensação próxima de repugnância ou desdém. Em silêncio, ele levanta-se e abruptamente abandona a área.

- Agora percebo! – Ela comenta ao focar-se novamente e totalmente no irmão.

Com um juntar confuso das sobrancelhas, Kent retribui o olhar.

- Percebes o quê?

- O porquê de concordares que vocês seriam perfeitos um para o outro. – Explica. Depois prolonga uma pequena pausa, de forma a criar alguma expectativa para a continuação do seu comentário. – São os dois presunçosos e arrogantes.

Kent, para grande surpresa de Bianca, ri-se. Ela junta-se a ele, numa gargalhada que se estende por quase um minuto.

Minutos mais tarde, com o Jonathan ainda perdido na pista de dança e o Kent ocupado no seu *smartphone*, Bianca começa a sentir os primeiros sintomas de alcoolemia, através da tensão que intumescce gradualmente nos seus músculos. O peito torna-se ofegante. Ela sente-se desorientada. Bianca levanta-se - antes que a sensação de desorientação se apoderasse dela por completo - e avisa o irmão que necessita urgentemente de apanhar algum ar fresco. Caso contrário, o mais certo seria acabar a noite desesperadamente apegada a uma sanita. Avisa-o também – caso ele precise de alguma coisa –, para ir ter com ela à varanda exterior, que o trio tivera avistado aquando da subida deles para o segundo andar.

5

Christian está lá. Encontra-se debruçado contra o muro de vidro embaçado e com as costas voltadas para a fachada do edifício. Pende a cabeça para os seus pés e toda a sua silhueta encontra-se engolida pela bruma do céu noturno. Bianca observa-o através da porta de vidro do segundo andar, enquanto pondera se se junta a ele ou espera que ele se retire, de forma a não ter que se cruzar com ele.

Christian Park, Bianca murmura no seu pensamento. *Terei alguma vez ouvido de ti? Penso que não.*

Com os olhos ainda sobre a figura do artista, a palma da mão acaricia a superfície gélida do vidro e, por fim, impulsiona a porta de encontro à aragem álgida do exterior. Os cachos do cabelo balançam com o breve cumprimento da brisa outonal e um arrepio apodera-se do corpo dela por um ligeiro instante. No seu recanto, Christian inclina a cabeça num pequeno movimento ascendente. Tensão é visível pela súbita rigidez dos seus ombros. Duvidosa em falar, pois o *performer* não aparentou ser pessoa de grandes conversas e socialidades, Bianca caminha para o outro extremo da longa varanda em silêncio –, excetuando o som acurado dos saltos contra as placas de madeira – e cruza os braços sobre o muro. Contempla a paisagem da baixa da cidade: com o infinito horizonte pintado de luzes douradas, os faróis de carros e com os placares acarretados de luzes néon e anúncios, que mostram movimento noturno por toda uma cidade, visível através daquele ponto.

Num pequeno olhar travesso, Bianca consegue vê-lo ainda na mesma postura rígida. Numa inesperada preocupação ou curiosidade oculta, Bianca pigarreia, procurando formas de iniciar conversa.

Como que adivinhando a possível iniciativa dela, pronuncia-se primeiro:

- Não. – A voz dele é ríspida e curta, não movendo o olhar do cenário à sua frente.

Bianca franze as sobrancelhas.

- Só ia perguntar se estava tudo bem. Parece... desconfortável?

Exatamente como antes, Christian não perde qualquer segundo para trocar olhares com a mulher. Em vez disso, desta vez, inicia uma caminhada para se distanciar ainda mais e Bianca não precisa de quaisquer outros sinais para perceber que não lhe é desejado qualquer tipo de comunicação.

Mesmo assim, ele riposta uma resposta à preocupação partilhada.

- Não estaria tanto caso não tivesse a tua vozinha irritante a atacar-me os ouvidos.

O resmungo não cai bem em Bianca. Rapidamente abre a boca, não sendo pessoa de se recatar quando indevidamente atacada. Mas, após melhor análise, decide não contrapor à incursão do desconhecido. Pessoas como ele são, para Bianca Rogan, indivíduos desnecessários e uma completa perda de tempo. Dessa forma, simplesmente escarna um suspiro, perplexa com o nível de arrogância proveniente de uma afiguração tão etérea, e uma simples palavra ganha forma nos seus lábios encarnados num sussurro marfado.

- Parvalhão!

Sem quaisquer amabilidades ou aparências a manter, Bianca dá longos passos de volta à porta de vidro. Qualquer enjoo ou tontura que se tivesse feito notar dissipa-se na súbita cólera. Com um valente puxão da porta, a coreógrafa retorna à divisão interna. Necessita de breves instantes de adaptação à antiga luminosidade e depois cambaleia entre os vultos que a circundam, até ao encontro do seu irmão.

Rapidamente, o trio retoma o ritmo festivo que se instalara aquando das suas chegadas. Sem grandes surpresas, horas da noite acabaram por se tornar meras borras na memória de Bianca. Quando chegou a altura de retornar a casa, ela tivera perdido os sentidos, sendo carregada para o conforto da sua cama nos braços de outra pessoa.

6

- Peço imensa desculpa!

Numa exclamação sofrida, estas são as primeiras palavras que deixam os lábios de Bianca, enquanto se apressa adentro da sala de reuniões num novo dia de trabalho que, mais uma vez, conseguira que iniciasse com um atraso.

Bryan, que a tivera visto ainda a caminhar pelo corredor – pois a parede que embarga a porta é ela própria uma enorme vidraça –, envia-lhe um olhar mais sisudo e frio que o do dia anterior. Apenas olhando para ele, Bianca consegue pressentir que uma discussão está fadada a acontecer entre os dois.

Fantástico! Esta ressaca já não estava a ser má que chegasse. O simples pensamento

fá-la arrepiar-se e, consoante se senta, move ambas as mãos para uma gentil massagem nas têmporas, enquanto os cotovelos pousados sobre o tampo da mesa servem de suporte ao peso excessivo que a cabeça dela aparenta ter. Necessita de alguns momentos com os olhos fechados e calmamente respira, no tempo em que tenta apaziguar o desastre que parece ser o seu senso de equilíbrio.

Uma segunda presença faz-se notar através de um pigarro da garganta e Bianca força-se a recompor a postura, Renan também presente na sala. Com um sorriso, ele acena uma mão despreocupadamente.

- Ora essa! - Responde de volta. – Não tinham como saber que retornaria tão cedo.

Um sorriso agradecido preenche as feições de Bianca. Apesar de ter trocado poucas palavras com Renan, no dia anterior, já é de notar a essência gentil e simpática do *manager*. Contudo, tal como no dia antecessor, o maior foco de atenção continua a ser o seu cabelo alaranjado. Bianca não sabe se algum dia chegará a cair na indiferença em relação à vivacidade daquela cor.

Com um subtil abano da cabeça, foca-se na conversa.

- Assim sendo, deduzo que seja um bom sinal estar aqui.loiro

- Deveras! – Bryan comenta numa voz apaziguada. – O nosso novo recurso acabou de assinar o contrato. Se tivesses chegado mais cedo – *a horas* –, o Sr. Clark não necessitaria de ainda aqui estar, à espera da última assinatura: a tua.

- Nada demais! – Renan comenta de volta, ainda com o mesmo sorriso morno no seu rosto. – De qualquer das formas, penso que nos cruzaremos muitas vezes.

No que parece ser um comentário inofensivo, as palavras saem carregadas de um embaraço constrangido e Bryan envia-lhe um olhar duvidoso.

- Como assim?

Renan dá uma pequena gargalhada – onde Bianca decifra acanhado desassossego sob notória afabilidade – e gesticula uma mão, como que a descartar qualquer importância das suas palavras.

- Apenas passarei várias vezes por aqui. Para ter a certeza que está tudo bem.

Bianca e Bryan trocam um olhar, apreensivos com a resposta do *manager*. Ao silêncio que se manifesta, a coreógrafa clareia a garganta. Depois da noite que vivenciou, e do pequeno presente que sentenciou despejar na casa de banho, ela ainda sente as pequenas sequelas de uma noite irrefletida em forma de garras a abrir a carne da sua traqueia. Por muito que tussa, pigarre ou beba água, a sensação continua ali.

- E o tal cliente? Ainda está cá? Estava na esperança de me apresentar. - Pergunta enquanto lhe é passado o contrato. Rapidamente analisa o documento. Pouco depois uma assinatura limpa ganha forma no final da última página.

- Não acho que seja necessário.

Uma voz grave e suave faz-se ouvir ao mesmo tempo que a porta mostra movimento repentino. Bianca move o olhar para cima. Com a caneta semi livre na mão, a bola de tinta adiciona um pequeno ponto azul adicional consoante lhe desliza pelos dedos, ao deparar-se

com um par de olhos castanhos em si. Por algum motivo, o principal fator visual que memoriza é o cabelo loiro cuidadosamente separado num risco lateral.

- *Ahn...* - Semicerra o olhar, inicialmente não o reconhecendo. Depois, a pequena conversa da noite anterior ressoa dentro da sua cabeça, o que lhe traz alguma clareza à situação atual. – Christian?

- E tu... O quer que sejas ao Kent Rogan. – Anota de volta, com a voz caída em indiferença.

- Irmã. Bianca.

- Não me interessa. – Encolhe os ombros de acordo com a sua resposta fria. A atenção que estava nela até aquele ponto rapidamente some. Move-se em direção ao *manager*. – O que realmente me interessa é saber por que raio ela está aqui.

Cauteloso, Bryan levanta-se. Passos ecoam pela sala.

- A Bianca Rogan é a nossa coreógrafa principal. Como um dos seus requisitos imprescindíveis inclui trabalhar com os nossos melhores, a Bianca será—

- Nem pensar! – Christian interrompe-o, agreste. A voz alcança um novo grave, todavia apresenta pequenas oscilações trémulas.

Fita-a por um breve segundo. Esse pequeno olhar cria um arrepio na espinha de Bianca, tal frieza está impressa nele. Christian permanece tão exuberante e pálido como na noite anterior. Todos os traços examinados ainda estão presentes e são verdadeiros ao que a versão embriagada de Bianca tivera visto. Contudo, agora examinado sob a luz diurna, algo mais repentinamente se faz notar.

Algo sombrio.

- Como assim: nem pensar? – Bianca questiona consoante se levanta da cadeira. Relembra-se da atitude arrogante com que ele lhe falara e não está para se submeter a isso, novamente. Pelo menos no trabalho, Bianca finca-se no orgulho de não aceitar quaisquer faltas de respeito. Muito menos vindas dele. – Ainda nem tiveste qualquer oportunidade de julgar as minhas capacidades.

Repetindo o movimento anterior, o cantor encolhe os ombros.

- Nem preciso. Ontem, tive oportunidade de analisar o que quisesse.

Um feixe de luz reflete nos olhos dele, tornando-os – se possível – mais gélidos e intimidantes, apesar de agora exibirem um suave tom castanho-mel. Christian inicialmente congela um olhar no rosto de Bianca, com os olhos focados nos dela. Depois, vagarosamente... *maliciosamente*, descende pela figura dela – na gíria atual: a tirar-lhe as medidas. Quando retorna a focar-se no rosto dela, um sorriso torto e trocista preenche-lhe a cara.

Bianca dá por si a engolir em seco. Qualquer que tenha sido o intuito de Christian ela continua perdida, longe de saber o que ele queria insinuar com um olhar tão intrusivo. Se bem que, agora que Bianca reflete com verdadeira ponderação, de pouco mais ela se lembra após ter voltado da varanda. Estaria a mentir caso negasse que começa a recear as horas onde não existem memórias acessíveis.

Bryan faz-se notar. Possui uma expressão confusa na sua face. Com o pequeno pigarro que força, a tensão que se tivera formado desaparece.

- Que seja. – Christian acaba por assentir, após outro breve olhar sobre Bianca. – Uma semana. Se não gostar do que ela tiver a oferecer, arranjem-me outra pessoa.

Relutantemente, Bryan acena afirmativamente. O seu olhar, em contrapartida, é carregado de inquirições.

Renan Clark, que até ali tivera permanecido em silêncio, reage e remove o contrato da mesa, guardando-o na sua mala. Depois, numa pose mais severa, inclina a cabeça em direção à porta e Christian consente ao seu pedido. Antes de sair, dirige-se a Bryan, oferece-lhe uma mão para um breve cumprimento e, já a caminho da porta, faz uma breve paragem ao lado de Bianca. Não querendo que os ouvidos alheios ouçam o conteúdo do seu próximo comentário, aproxima-se um pouco mais. Bianca envia-lhe um olhar hesitante e rapidamente toma um passo atrás. Mesmo assim, ele consegue sussurrar-lhe ao ouvido numa voz que, não sabia ainda a coreógrafa, lhe iria ocupar a totalidade dos seus pensamentos durante uns futuros próximos.

- Não, não te queiras lembrar.

Num movimento brusco, como um elástico puxado até ao seu limite e inesperadamente libertado, Bianca vira a cabeça em direção a ele, com os olhos redondos em choque e intempestivo receio. A face de Christian está incrivelmente perto dela, ao ponto de conseguir sentir a respiração dele contra a sua pele. Os olhos castanhos de Christian encontram os cinzentos de Bianca. Num ritmo frenético, o coração dela mostra o seu repentino estado de alerta, pois ela é incapaz de ignorar o olhar malicioso que a sufoca.

Após segundos delongados, e como se nada se tivesse passado, Christian Park distancia-se dela, envia um último aceno a Bryan e sai da sala.